



«Por muito incrédulo que ainda esteja, a verdade é que a realidade ultrapassou a ficção contida neste livro»,

afirma António Oliveira e Castro, autor de *Ponte Pequim sobre o Tejo*, lançado em Junho pela Gradiva.

No seu livro, passado em 2050, apresenta-nos uma sociedade que nos desafia a pensar para onde queremos ir. Há muita mudança, mas, se pensarmos bem, mesmo o mais negativo não nos surpreende assim tanto. Como foi esse processo de pensar o «futuro»? Que mensagem queria transmitir?

O problema é que ninguém sabe para onde quer ir. São as leis de mercado e as contingências do jogo político que ditam o futuro, e nenhuma delas são previsíveis. Os Estados Unidos, por exemplo, com Obama foi um país, com Trump é outro totalmente inesperado. A história ensina-nos que chegámos sempre ao futuro navegando à bolina, sujeitos ao humor dos «deuses». Falta um projecto de desenvolvimento global, que poderia estar a cargo de uma instituição como as Nações Unidas, para não dependermos da ambição dos Impérios e das fortunas que os administram.

Decidi, há dois anos, escrever *Ponte Pequim sobre o Tejo* quando me convenci de que continuando a «desenhar» o futuro no total desrespeito pelas leis naturais, que não abdicam dos seus códigos cruéis, como percebemos agora com a COVID-19, só poderíamos pintar uma tela igual ao *Grito*, de Edvard Munch.

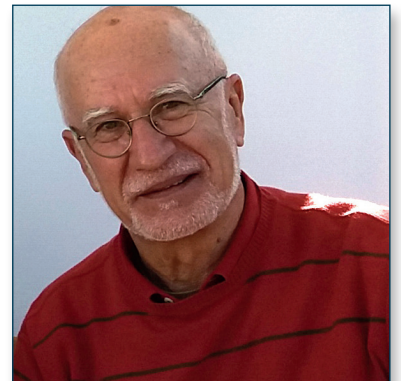
Fascinado e angustiado por esse dever, senti ser necessário lançar um SOS — pediam-nos a natureza e os humanos genuínos. Surgiu assim este romance como um alerta, que espe-

ro seja multiplicado por cada leitor. Um alerta contra a atracção suicida que tomou conta de nós em nome do progresso. Que progresso? Ao contrário do que imaginamos e desejamos, não é possível dominar e privatizar o ecossistema do planeta como quintal exclusivo. Não estamos acima dele, é preciso ter consciência de que somos um insignificante elo de um imenso e complexo equilíbrio de forças, que, se destruídas, nos lançarão rumo ao tal futuro desconhecido. Talvez ao caos de um abismo.

Por muito incrédulo que ainda esteja, a verdade é que a realidade ultrapassou a ficção contida neste livro. Quem já o leu, pergunta-me, na brincadeira, é certo, se tinha algum pacto com a China para perceber o que se avizinhava.

É preciso ler os avisos da natureza para podermos continuar a habitar a casa que nos emprestou.

Contudo, apesar de *Ponte Pequim sobre o Tejo* ser uma história que até aos deuses e aos anjos assusta, como refere Viriato Soromenho-Marques, esta não desiste, sublinha Pedro Vieira, de alimentar uma réstia de esperança ao leitor a quem a paz abandonou. Edgar Allan Poe dizia que as palavras não têm poder de impressionar a mente sem o requintado horror da realidade.



© Sónia Manuel

A situação com a COVID-19 também nos desafia a pensar no que tínhamos e no que verdadeiramente interessa. No que queremos manter. Que paralelismos estabelece entre a trama do seu livro e o contexto internacional que atravessamos?

Ao longo da história da Humanidade, à medida que os excedentes alimentares cresciam e a riqueza se acumulava, sempre se confundiu o consumo irracional de bens com o que verdadeiramente interessava ao Homem. Sem o perceber, tornámo-nos na tripa excrementícia que permite multiplicar o valor das «pedras».

O impacto deste consumo descontrolado reflecte-se, como todos constatamos a cada dia, na saúde dos ecossistemas que nos garantem a sobrevivência. Inevitavelmente, se eles adoecem, adoecemos com eles. Hoje, respiramos ar carregado de partículas cancerígenas, bebemos água intoxicada de químicos, comemos carne, peixe e fruta de qualidade duvidosa. Não é precisa uma inteligência superior para perceber que nos estamos a envenenar, a enfraquecer a nossa resistência à doença.

Por muito incrédulo que ainda esteja, a verdade é que a realidade ultrapassou a ficção contida neste livro. Quem já o leu, pergunta-me, na brincadeira, é certo, se tinha algum pacto com a China para perceber o que se avizinhava.

Nietzsche dizia que há dois tipos de homens, os que pensam como a maioria e os que usam as suas próprias convicções para tirar conclusões. Bastou um certo espírito observador para perceber que afinal não somos senhores da criação, não somos Deus nem a sua consciência, paradigma civilizacional que nos moldou durante séculos.

Sobretudo, não culpemos outros pelo que nos acontece, somos sempre nós, em última análise, os responsáveis pelo que nos sucede.

Degelo das calotes polares, incêndios violentos, furacões, maremotos, vulcões, tremores de terra; a natureza tem, afinal, vontade própria, que não controlamos. E agora, este pequeníssimo e misterioso vírus para nos dizer que o nosso poder económico, militar, religioso e cultural, que as nossas democracias e ditaduras, que a nossa arrogância, são insuficientes perante as imutáveis leis do Universo.

Sobretudo, não culpemos outros pelo que nos acontece, somos sempre nós, em última análise, os responsáveis pelo que nos sucede.

Em 2050, data em que acontece este romance, Portugal é uma espécie de protectorado da China, isso não o protege de ver um enorme *icebergue* entrar-lhe pelo Tejo dentro.

Não resisto a citar um pequeno trecho do livro (p. 139): «De repente, o chão abriu-se como se um sismo o tivesse rasgado, e mostrou subterrâneas cavernas habitadas por seres amarelos, vermelhos, roxos, cinzentos, disformes pela doença, cheios de pústulas, de tumores, de erupções na pele, de intumescências a fazer lembrar couves-flor.

[...] — Eis os filhos que o Homem e Deus envenenaram! — apontou a pitonisa, de dedo esticado. — A escória que ignoram, o lixo do imenso banquete.»

Dentro de nós vivem dois lobos, o bom e o mau, Eros e Tanatos; vencerá aquele que melhor alimentarmos.

A sua obra confronta-nos com cenários de grande drama. Contudo, usa uma linguagem que embala o leitor, quase poética, nalguns casos. É quase como se convidasse a olhar para os grandes problemas com o necessário distanciamento para os perceber. Será isso ou será a forma de dar espaço a cada um para se envolver na história de modo muito diferenciado?

A poesia é uma linguagem que tem algo de sobrenatural pela sua transcendência e todos sabemos como reagimos com os mistérios que se explicam com dificuldade. O extraordinário desperta em nós o temor primitivo como estimula também a curiosidade pelo conhecimento que o combata. Linguagem do visível e do invisível, a poesia obriga ao raciocínio, oferecendo ao leitor a liberdade da interpretação do que se esconde por detrás das palavras.

Ponte Pequim sobre o Tejo não é, contudo, como a pergunta pode fazer crer, um enredo exclusivamente poético. Arditosamente, de forma cruel até, o texto vai, de quando em vez, buscar o leitor ao seu enlevo estético, à sua liberdade interpretativa, para o mergulhar, até quase o sufocar, na realidade inclemente do romance.

O enredo vive deste desafio permanente, levando o leitor, que umas vezes se sente poeta, outrossim cúmplice e culpado, a correr atrás da urgência de um texto, que tão depressa lhe promete esperança como de imediato lhe oferece desenganos.

Voltando à tela de Munch, ao seu grito permanente. O mundo ainda é aquele para milhões de pessoas que desconhecem que no conforto de um museu existe uma obra de

arte onde alguém pintou o seu desespero. Roubar ao leitor a possibilidade de usufruto da beleza da arte, e trazê-lo para o confronto entre o prazer da leitura e a revolta que a realidade reclama, é o desígnio provocador deste livro.

Curibeca, um sonhador convicto e uma figura incontornável do livro, dizia a quem o quisesse ouvir: «*mais do que medo da rebelião dos homens, temo a revolta dos elementos, e, acima de tudo, o silêncio da água que bebemos*».



Publicado em Junho de 2020 • 336 pp. • 15,50€